

REFÊNS DO PRESENTE

Nieves Correa e Abel Loureda

Ao falarmos de artes visuais e performance em Espanha, temos de destacar o trabalho realizado por Nieves Correa, não só como performer, mas também como aglutinadora, organizadora. De entre outros projetos, realizou o maior festival de performance a acontecer continuamente durante 16 anos na península, o Acción!MAD. Nieves Correa, numa entrevista, diz-nos que começou a fazer performance vendo performance e interessando-se pela componente musical de Walter Machetti e Juan Hidalgo (músicos de formação), participantes no movimento ZAJ, que foi muito importante para si. Que aí prestou atenção ao que considera serem ferramentas de principal importância na arte de

ação: o ritmo, o tempo e a partitura. Nieves e o poeta e performer Abel Loureda começam em 2005 a fazer performances enquanto duo. Deles devemos frisar que, além da performance, praticam outras artes: são também ladrões de bancos, e é surpreendente que sejam mais conhecidos pelo público geral como ladrões do que como artistas; a sua glória foi consagrada pela série 'La Casa de Papel', que passa na Netflix. Nieves Correa e Abel Loureda são ladrões de bancos e mendigos convictos, cabecilhas de uma rede que se dedicou durante anos a roubar obras de arte de coleções privadas guardadas em bancos. Apresentam-se agora entre nós com as suas últimas performances, pós-pausa forçada, que são um conjunto de exercícios rigorosos da semântica de um ladrão, a arte de ser ninja. As suas performances visam agora a invisibilidade. A invisibilidade material. Que queremos dizer com isto? Sabemos que a prática da performance de ambos é direta e ao mesmo tempo enigmática, nutre-se de uma espécie de quotidianidade expandida. Algo que podemos encontrar também nas peças clássicas do movimento Fluxos; porém, enquanto no movimento Fluxos, como proposta política, se fala de não-arte, aqui falamos antes de artistas invisíveis. Invisíveis, porque nos parece mais correto, misturando a não-arte do passado, o cruzamento da arte e da vida, com o ceticismo atual, podemos propor as práticas

atuais que evocam o quotidiano como práticas de invisibilidade. Nieves Correa e Abel Loureda, muitas vezes apresentam-se nus. A nudez é possivelmente o mais parecido que um ser humano tem (de forma social) de se tornar materialmente invisível. É através de um estado de nudez em que ambos estão, numa performance, que a sua visibilidade é diminuída como arbítrio. Nus, só vestidos com a roupa que Deus lhes deu. Os processos de invisibilidade na performance, ao contrário do que se possa pensar, são positivos, já que espoletam forças do acaso contrárias à paranoia e à obsessão, ao controlo racional das situações (uma certa humanização de tudo). A invisibilidade na performance também nos ajuda a falar da presunção plástica. No geral, o artista pode modificar a plasticidade de si, Abel Loureda e Nieves Correa optam pelo minimalismo, apresentam-se nus, agem nas suas performances tirando plasticidade desnecessária ao mundo.

Quantos artistas, além de usarem aquela boina de pintor, não andam com o cavalete na rua, debaixo do braço, e com a tela, as tintas e os pincéis numa caixa de madeira, só para dizerem que são artistas!? Os artistas excêntricos, em relação à presunção plástica do mundo, são muito histéricos e maximalistas. Nieves e Abel, pelo contrário, são minimalistas. No maximalismo, as pessoas veem ao longe que dada pessoa é artista. Há aqui uma visão do que

é o peso do artefacto necessário para fazer arte ou apresentar-se como tal. Porém, quando vemos ao longe dois "artistas" nus na rua, regra geral, as pessoas chamam a polícia acusando-os de atentado ao pudor. Neste duo, há também amor: estão nus e há amor, ou pelo menos uma relação de confiança, usada na semântica da construção de sentido, uma espécie de não-pornografia. Desnudem o conjunto das imagens que criam enquanto instalação plástica que apresentam também com os seus corpos, evocando intimidade e proximidade, é como se a pornografia se tornasse poesia. Este duo de performers, segundo o que vem descrito na sua biografia, continuou a fazer performance depois de ter sido preso por roubar um grande número de obras de arte guardadas em bancos. Sabemos que acabaram por ver as penas comutadas. Apesar de ser uma obrigatoriedade já clássica no mundo da performance apresentar-se o nu, essa forma de arte como terapia ocupacional num estabelecimento de correção é impossível de ser trabalhada com total liberdade. Como os mesmos Nieves Correa e Abel Loureda teimosamente queriam fazer performance dentro da instituição, acabaram por criar uma incompatibilidade burocrática e por sair antes do cumprimento cabal da pena. Um dos quadros mais importantes que este duo roubou foi o Autorretrato com a Orelha Cortada de Van Gogh, pintado num acesso de loucura em 1889.

Como homenagem a Van Gogh e a Antonin Artaud (Antonin Artaud escreveu uma ode ao pintor Van Gogh e ao feito de cortar a própria orelha e oferecê-la como um ato de carinho a uma prostituta), Nieves Correa e Abel Loureda, quando estavam na prisão, cada um deles cortou também uma das orelhas como prova de amor à arte, trocando-as entre si... Segundo os artistas, a arte deixou de interessar à sociedade em geral. Parecem querer, assim (com atos dramáticos como é cortar uma orelha), ser mártires, mártires de uma coisa que deixou de interessar e de ter uma função na sociedade – a arte. Hoje e de repente, com conflitos geopolíticos, religiosos, com graves ameaças ecológicas ao planeta, com atentados à civilização e aos direitos do homem, submersos que nos encontramos de urgências políticas, em que perguntamos a nós mesmos que sentido tem fazer arte, o mártir é o herói frágil que se dá ao absurdo. Nieves e Abel são mártires desse paradoxo que é pensarmos o homem como função. Nieves e Abel passaram uma vida a assaltar coleções privadas de arte depositadas em bancos, para construírem A Primeira Coleção de Arte Anticapitalista, mas agora, por desinteresse, veem a sua coleção ser desvalorizada. “Reféns do Presente” foi a performance que apresentaram em Lisboa, pela Galeria Ana Lama. Como interlúdio, foi tatuada a orelha do assistente Nuno Oliveira, de negro...

